



Bom demais para ser verdade

**um conto de
Jhônatas Siqueira**



“Cem pau! Cacete!” exclamou Maicon, um cara comum de dezenove anos, ao ver a garoupa que cobria sua foto no passe de ônibus. Foi daquele dia que eu fui recarregar o passe? Ou naquele que estava meio bêbado? Não, foi daquela vez... se perdeu recordações sem importância.

Agora sentado no ônibus, aumentou o volume da música e começou a cantarolar o clichêzasso. “*Turn your back on mother nature, everybody wants to rule the...* Lucas?”

O tal Lucas era um antigo vizinho de Rio Claro, que agora também estudava em São Carlos. “Maicon!? Quanto tempo!” O sumido respondeu. “Quanto tempo? Cara, cê sumiu do nada!” O amigo contestou e já se interrompeu para dar uma boa olhada no amigo. “O que aconteceu? Onde esteve?”

Lucas hesitou. “Olha!” Disse finalmente apontando o dedo para a janela. “Um macaco!”

Maicon virou na direção apontada pelo amigo. O animal estava dentro de uma gaiola numa caminhonete que seguia ao lado do ônibus, esgoelando a plenos pulmões seus sons de macaco. “Caramba... é mesmo.”

“Fiquei sabendo que vão abrir um zoológico no Santa Paula”

“Onde no Santa Paula?”

“Cê não viu que já estão em obras lá no Kartódromo?”

Maicon desatou a rir com o absurdo. “Claro que não! Acho que eles estão levando pra faculdade.” Disse isso lembrando de ter lido em algum lugar sobre o estudo de primatas.

“Deve ser...”

“Cara, nem acredita, achei cem *pila* no bolso hoje! Te pago uma...”

“Obrigado, mas não precisa.” Disse Lucas com um sorriso. “Vou descer aqui. Até!”

Mas o Departamento de Física era bem longe. Ele deve ter ficado bravo, pensou... “ué? A música ainda tá repetindo?”

Vários fatos aconteceram depois disso, que nem para nós nem para ele foram relevantes, tanto que só retomou a consciência de si quando estava na aula tediante de Matemática para Computação. Não que ele achasse a matéria insuportável. É que, por causa da falta do professor titular, a sra. Débora (que já tinha sido sua professora de português) se dispôs a passar um exercício para aquela classe desesperada por conhecimento.

Naquele marasmo o que aliviava era Letícia: uma garota comum, com uma beleza comum. Maicon não era tão introvertido, mas era o suficiente para levar aquele amor para o túmulo. E não porque ele não tinha jeito com as garotas, mas porque aquela em especial tinha um lance meio platônico.

“Ei, gatinho, o que está ouvindo?” Sussurrou a garota, aproximando-se dele.

“Tears for fears.”

“Sério?! Escuta, estou saindo agora, passa lá no *Stardust* depois.”

“Que horas?”

“Agora, ué...”

Mas o *Stardust* só abre à noite, pensou. De súbito, o professor de Matemática para Computação abriu a porta fazendo o seguinte comunicado.

“Pessoal, Atenção. O Departamento de Biologia aqui da UFSCar estava fazendo estudos com um primata, mas o animal acabou fugindo. Por questão de segurança, o reitor pediu para que dispensássemos todos os alunos do diurno...”

Maicon não ouviu mais nada, e num segundo já estava em frente ao dito restaurante. Surpreendentemente para ele, o *Stardust Dinner* estava aberto para o almoço. Ironia. Bem que ele comeria uma forma de lasanha.

“Oi, gatinho! O que vai pedir?”

“Caramba, você trabalha aqui? E de dia?”

“Sim, desde agosto. É um horário novo que estamos testando. O que vai comer?”

“Não sei... Esse cheiro é de lasanha?”

“Sim, e tenho certeza que vai gostar! É a dona Maria que está fazendo!”

Letícia saiu, deixando Maicon boquiaberto. Dona Maria era uma senhorinha muito simpática e amiga da sua avó. Tinha boas memórias das maravilhas culinárias que as duas faziam juntas, sobretudo da famosa lasanha. Esperando ansiosamente, começou a divagar: Caramba, que careca brilhante! Igual à do Lucas depois do trote. Cadê o Lucas por falar nisso? ... acho que pegaram pesado demais com ele naquele dia... que camisa ridícula!

A camisa a que se referia era de um homem que tinha entrado acompanhado: o cara parecia muito com o

Tim Roth, e a mulher de vestido meio roxo era a professora Débora? A professora Débora não era casada?

Letícia finalmente apareceu com a famosa e, depois de servi-lo, sentou-se ao seu lado. Maicon estava com tanta fome que atacou sem cerimônia. Que sabor! Que delícia! Comia e comia, e quanto mais comia, mais fome sentia. Entre uma garfada e outra, percebeu que Letícia olhava com interesse o casal que era seu objeto de escárnio. Percebeu também uma dor aguda no seu braço esquerdo.

“Parecem apaixonados...”

“Foi o que eu pensei também.” Respondeu de boca cheia.

“... Eu sempre quis viver um amor assim, sabe?”

O rapaz engoliu seco.

“Eu gosto bastante de você...”

O rapaz se engasgou.

“... desde aquele dia que raspavam seu cabelo...”

O rapaz gelou. Depois, corou de raiva.

“Ah, nem me lembre. E ainda fizeram duas vezes, uma na matrícula e outra naquele dia...”

“Sabe, dona Maria e eu falamos sempre de você! Ela me falou que você jogava damas na escola.”

Nesse instante, Letícia começou a tagarelar tudo sobre damas. Mas ele não estava prestando atenção, já que a dor no seu braço, a beleza da garota, o sabor da lasanha e a professora Débora beijando o estranho competiam com seu foco. Ele também percebeu que a música ambiente do restaurante era, por coincidência, a *Head Over Heels*.

A música parecia mais alta e a dor mais intensa. Lembrou que leu algo sobre a dor do lado esquerdo ser um sinal de infarto. Seria isso? Um dia tão bom como aquele terminando assim? O ar já não inflava seus pulmões e a música ficou num volume ensurdecedor.

Então o macaco fujão pulou pela janela e pousou em cima de Maicon, gritando num timbre insistente e familiar.

E Maicon finalmente acordou. Deu um tapa no celular para calar o macaco, retirando seu braço esquerdo debaixo de si. Conseguiu inflar novamente os pulmões agora que estava livre das garras de seu travesseiro e tirou seus fones. Já era hora de ir para a aula.

“Cem pau! Cacete!”